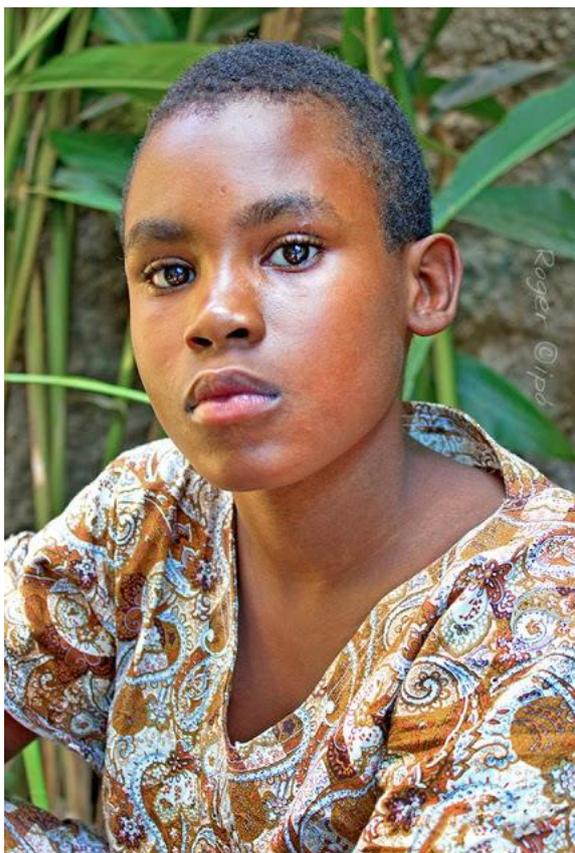


A criança, terreiro, produção e saberes: apontamentos

Ahyas Siss¹

Maiza da Silva Francisco²

Mônica da Silva Francisco³



Resumo

Esse artigo tem como finalidade realizar alguns apontamentos acerca das práticas educativas infantis no terreiro de matriz africana tendo como foco do modo que crianças veem sendo constituídas nesses espaços. Dentro desse paradigma busco direcionar o olhar para a prática do ensino do Terreiro, a partir da narrativa das crianças. Ancoramos essa discussão nos referenciais teóricos de Diversidade Étnico-Raciais, e alguns pesquisadores como Prandi (2011), Lopes (2005), Siss (2009). Tecemos uma breve análise dentro da perspectiva Rego (2013) que busca não apenas valorizar a fala da criança, mas compreender sua perspectiva sobre o mundo.

Palavra-chave: Infância, Terreiro, Educação das Relações Étnico-Raciais

¹ Pós-doutor em Antropologia Social. Professor/Pesquisador do PPGEduc/UFRRJ /Mestrado e Doutorado em Educação Editor-Chefe da Repecult (ISSN 2526-2742) Coordenador do OPAAS - <http://r1.ufrj.br/opaas/net/> Líder do Gpesurer.

² Mestrado em Educação Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Especialista em Diversidade Étnico-Racial e Educação Superior Brasileira pela UFRRJ, Graduação em Pedagogia pela Faculdade Signorelli e Licenciatura em História pela Universidade Veiga de Almeida.

³ Doutoranda em Educação Contextos Contemporâneos e Demandas Populares, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,

INTRODUÇÃO

A Narrativa de história sobre os Orixás, contadas pelo Pai ou Mãe de Santo, é uma prática educativa tão comum nas comunidades de terreiro que termina por constituir-se como mecanismo, ou ponto de fundamento nas religiões de matrizes africanas. A palavra falada enquanto forma de transmissão de conhecimento de rituais, contos, lendas, conhecimentos relacionados à ancestralidade, ao aprendizado, possibilita a construção de numa nova perspectiva, de visão do mundo. Nesse sentido a transmissão de conhecimento por meio da oralidade é um dos mais importantes patrimônios imateriais que colabora com uma nova forma de educar. Os saberes que os Terreiros transmitem por meio da sua história sempre ligada a alguma divindade (Orixás) possibilita a construção de princípios éticos e morais, para a vida, de experiências passadas por meio da oralidade.

O presente artigo tem como finalidade realizar alguns apontamentos acerca das práticas educativas infantis no terreiro de matriz africana tendo como foco o modo pelo qual as crianças, desde a sua mais tenra infância vem sendo constituídas nesses espaços. Nesse sentido o estudo busca ainda discutir o Terreiro enquanto *lócus* de produção de conhecimento potentes para a formação de subjetividades diferenciadas, orientadoras de princípios que regem o “ser e estar no mundo” de crianças e adultos associado a uma combinação de fé e que contemple a educação das relações étnico-raciais. Concordamos com Alves-Mazzoti (2006) e Pace (2017) quando afirmam que o agir humano está perpassado por “crenças, valores e percepções das pessoas, sobre si mesmas e sobre o mundo que as rodeiam”.

Esse artigo foi desenvolvido através de duas questões deflagradoras. A primeira delas indaga como os terreiros colaboram com a produção de conhecimento da história do continente africano? A segunda questão, decorrente da sua anterior, indaga: como as crianças vivenciam no terreiro essa aprendizagem?

Na sua perspectiva teórica esse estudo, de natureza básica e exploratória, privilegia a abordagem qualitativa, seguindo assim uma quase “tradição” das pesquisas desenvolvidas na área das Ciências Humanas, principalmente levando-se em conta seu objeto. Por outro lado, e de acordo com Chizzotti (2006), tal opção metodológica parte do princípio de que “[...] sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado” e um sentido, o que afasta a ideia de uma pretensa neutralidade axiológica por estarem, tanto o pesquisador, quanto objeto pesquisado, em contínua interação.

Por haver nesse estudo a preocupação em se observar, analisar e descrever, fenômenos que ocorrem na comunidade de Terreiro, esse estudo pode também ser entendido como sendo de base etnográfica (ANDRÉ, 1995; PEIRANO, 1995), uma vez que aqui se busca o significado de ações complexas que permitem aos sujeitos dessa pesquisa compreender a si mesmas, a outras pessoas e a conferir sentido aos seus comportamentos e, por conseguinte dar

sentido ao mundo a partir de valores afrocentrados, ou afroreferenciados. Esse tipo de abordagem permite que, nos processos de coleta de dados, diferentes técnicas sejam empregadas, como por exemplos a observação dos fenômenos, as entrevistas, a análise documental e outros.

Quanto às suas técnicas de coleta de dados que foram utilizados procedimentos distintos tais como a Pesquisa Bibliográfica, a Observação e a realização de entrevistas.

A Pesquisa Bibliográfica foi aqui fundamental por constituir-se como um exame acurado, principalmente de livros, artigos, incluindo-se ainda os exames de dicionários, enciclopédia, anuários, publicações periódicas (jornais, revistas) impressos diversos e aqueles publicados em meios magnético e digital (GIL (1996). Por ser um conjunto de conhecimentos reunidos em obras, uma de suas finalidades é a de possibilitar a fundamentação de “vários procedimentos metodológicos, ou seja, dados obtidos através de várias fontes escritas como documentos, livros, fontes etc.” (FANCHIN, 2006, p. 56) Portanto, implicou em um “mergulho” aprofundado nas pesquisas e publicações sobre o tema em questão, com o referencial teórico pautado na história do continente africano e a Educação das Relações Étnico-Raciais.

A Observação, enquanto outra técnica de coleta de dados utilizada foi essencial por nos permitir a apreensão e análise descritiva do objeto em análise, possibilitando compreender os significados de práticas coletivas de resistência cultura, bem como de situações de preconceito e discriminação religiosa. Para além desse fato, compreendemos que

A observação é a primeira forma de aproximação do indivíduo com o mundo em que vive. [...] Pelo olhar entramos no mundo, começamos a nos comunicar com ele e iniciamos o conhecimento a respeito dos seres que nele habitam. A observação, com as características específicas de sistematização de condutas e procedimentos e de focalização em torno de um objeto determinado, constitui também um procedimento básico da investigação científica, da experimentação. [...] Também as ciências sociais iniciaram suas análises a partir de observações realizadas por estudiosos interessados nesse campo de conhecimento. (TURA, 2003, p. 184)

A entrevista foi mais uma das técnicas de coleta de dados utilizada. Esse recurso metodológico proporcionou que o sujeito da pesquisa pudesse obter uma interação maior como os (as) entrevistadas. A opção metodológica dessa pesquisa foi pela entrevista semi- estruturada pelo fato da maioria dos (as) entrevistados (as) serem constituída por crianças. Tal opção permitiu-nos realizar algumas adequações durante a entrevista.

A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos. Uma entrevista bem-feita pode permitir o tratamento de assuntos de natureza estritamente pessoal e íntima, assim como temas de natureza complexa e de escolhas nitidamente individuais. Pode permitir o aprofundamento de pontos levantados por outras técnicas de

alcance mais superficial, como o questionário. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 34)

A pesquisa foi realizada em um Terreiro de Umbanda, localizado na Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro, região que congrega 13 municípios do Estado do Rio de Janeiro, possuindo uma população de cerca de 3,5 milhões de habitantes e onde são gerados mais de 25% do Produto Interno Bruto (PIB) industrial do Estado. Nesta região há uma grande concentração de comunidades de Terreiro das diferentes religiões de matrizes africanas.

Quanto ao seu recorte amostral, ele é formatado pelos sujeitos envolvidos nessa pesquisa, constituindo-se por três pessoas: a “Mãe pequena” da comunidade Terreiro e duas crianças uma na faixa 11 anos, e outra com 9 anos de idade. Tal conformação de recorte, nos permite caracterizar essa pesquisa de natureza básica e exploratória como um estudo de caso, por ter suas lentes investigativas centrada em um caso individual e por concordarmos que

O estudo de caso é o estudo de *um* caso, seja ele simples e específico, (...) ou complexo e abstrato (...). O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem interesse próprio, singular. Segundo Goode e Hatt (1968), o caso se destaca por se constituir numa unidade dentro de um sistema mais amplo. O interesse, portanto, incide naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que posteriormente venham a ficar evidentes certas semelhanças com outros caso ou situações (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 17)

O artigo apresenta-se assim estruturado: na primeira parte abordamos o Terreiro e a Infância, focando no espaço de interação e aprendizagem; na segunda parte, o que as crianças falam? Nesse tópico buscamos ouvir o que as crianças têm a dizer sobre a sua relação com a comunidade Terreiro; e na terceira parte, o Terreiro e suas práticas, buscamos dialogar de que forma o Terreiro contribuiu para uma educação voltada para as relações étnico-raciais.

Infância e o Terreiro

O terreiro enquanto espaço sagrado onde o Orixá com a permissão de Oxalá, seu guardião Exú elemento essencial para permitir a entrada do Orixá, nesses lócus guardados de preceito e segredos milenares, e toda tradição, costumes, crenças dos povos africanos.

A Inserção do Orixá nesse templo ocorre por meio de cantigas (pontos) e através do toque do atabaque, o que permite que Orixás incorporem em corpos humanos que foram iniciados, “escolhidos” pelo Orixá para serem mediadores da comunicação entre eles, os Orixás e os seres humanos. Dessa forma, o Terreiro com os seus preceitos e segredos recebe a divindade, por meio de cantigas que buscam saudar a chegada das divindades, ou entidades, nas seções ou giras.

Nessas seções ou giras, é comum que Orixás quando incorporados, apareçam caracterizados por marcas, ou distinções simbólicas que lhe são típicas como as suas vestimentas, suas comidas e todos os seus adereços que ficam guardados no próprio Terreiro, como ervas para rezas, giz, pedras, de acordo com a divindade que incorporada. É nesse universo que a criança pertencente à comunidade de Terreiro inicia a sua prática educativa de socialização a partir do entendimento do mundo por meio dos ensinamentos e preceitos dos orixás ou das divindades (SERRA E ROSA, 2017). Na mesma direção, Nobles (2009) nos ensina quando descreve a cosmologia da criação do mundo a partir dos povos iorubas que acreditam que o indivíduo é constituído de um corpo e um espírito, com o corpo ou “ara” sendo formado pela divindade:

E por meio da ara que a pessoa interage com o meio ambiente; é essa a parte da pessoa que se pode tocar e sentir. O ara pode sofrer danos e se desintegra após a morte. Entretanto, o componente "essencial" da pessoa é o espírito, a "força espiritual" ou espiritualidade (emí). O emí dá vida à pessoa. É seu elemento divino e a vincula diretamente a Deus. Depois que a pessoa morre, o emí retorna, ao Elemi (o dono do espírito, Deus) e continua a viver. Como pessoa, o indivíduo também possui uma cabeça interior, ou ori inu. Oludamaré (o Ser supremo) dá essa cabeça diretamente. Ela constitui o espírito, particular da pessoa. ori inu é o guardião do eu; carrega o nosso destino e influencia a personalidade. Além de emi (essência divina) e ori inu (essência pessoal tem a pessoa tem okan, essa palavra significa coração, mas, como aspecto constituinte da pessoa, representa o elemento imaterial (essência) que é a sede da inteligência, do pensamento e da ação. Assim, por vezes é chamado de "alma-coração" da pessoa. Acredita-se que a okan exista antes mesmo de a pessoa nascer. É a okan dos ancestrais que reencarna no recém-nascido. Para ser uma pessoa, os iorubas também acreditam que se deve ter um ori e um eje. ori go_ verna, controla e orienta a vida da pessoa e de fato a ativa. ori é o portador do destino e ajuda a pessoa a realizar aquilo que veio fazer na Terra. ori é ao mesmo tempo a "essência da pessoa, e seu guardião e protetor. Está intimamente ligado a emi. Eje é o sangue, expressão física da energia eletroquímico magnética que constitui a força (essência) que garante e anima a vida. Os iorubas também acreditam que o iye é um componente da pessoa. O iye é o elemento imaterial às vezes referido como a mente. (NOBLES, 2009, p. 280).

Esse ensinamento, que faz parte da formulação da criação do “homem” e seu caminho traçados por Oxalá, permite que esse espaço sagrado com inúmeros ensinamentos que incluem a vestimenta, o laço de solidariedade, a tradição oral, a dança, possibilitam à criança apreender e compreender o mundo a partir de uma concepção de valor social, moral, e educativo que são concebidos e lhe repassados por meio das religiões de matriz africana.

O culto ao orixá representa uma simbologia que se constitui por meio de narrativa mística e que proporciona à criança vivências e experiências no terreiro que não podem ser limitadas apenas como uma prática religiosa. Para além desse importante aspecto, ele, o culto ao Orixá, pode ser compreendido e caracterizado como fonte histórica e tradição imaterial da população de origem

africana que contribui para o resgate e a preservação dos valores africanos em terras diaspóricas.

Nessa perspectiva, a infância é compreendida aqui nesse texto a partir das concepções de Bento (2008, p.15) que a caracteriza “como socialização da criança, inculcação, experiência e vivência sócio – cultural, considera a criança como ator social.” A partir dessa reflexão de Bento, podemos inferir que a criança interage com todas as atividades e constrói a sua percepção de mundo, a sua própria prática cultural, assim como busca contribuir de forma significativa para o mundo do adulto.

Ao examinar a Sociologia da Infância, Consaro (2011, p. 19) nos pontua a partir das teorias construtivistas que “a criança assim como os adultos são participantes ativos da construção social da infância e na reprodução interpretativa de sua cultura compartilhada.”

Nesse sentido a produção de conhecimento acerca dos valores culturais transmitidos para as futuras gerações, contribui com a construção da identidade da criança no terreiro através da vivência religiosa e colaboram no processo de construção de uma identificação ou identidade da cultura negra que não está ligado a “um passado genealógico, consanguíneo, que identifica e legitima cada tronco familiar, como na África, mas liga espiritualmente cada membro da religião” (PRANDI, 2011, p. 169).

Esse é um dos motivos pelo quais, é muito comum compreender-se a comunidade de Terreiro como uma grande família onde encontram-se avós, pai, mãe, irmãos, que são ligados pelo princípio da religiosidade, da santidade. Aqui a criança aprende que, independente do seu grupo étnico-racial, para além dos laços sanguíneos, todos são irmãos e estão ligados pelo Orixá.

A identidade da criança é desenvolvida “transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (HALL, 1987). Nessa perspectiva, a identidade da criança no terreiro é constituída no sentido de igualdade, distanciando-se de qualquer determinismo biológico.

Retornamos aos pensamentos de Prandi (2011), para analisar esses ensinamentos relacionados à cultura da África e a história e cultura dos povos africanos por meios dos Orixás. Acreditamos que eles possibilitam a construção de uma sociedade plurirracial na qual os negros e brancos são vistos de formas iguais. Esse saber tradicional (re) produzido pelas religiões de matriz africana permite descentralizar e desconstruir todo o processo forjado por uma literatura eurocêntrica que concebem a África e seus povos por uma matriz folclórica e hierarquizante. É ainda esse saber que permite que a criança opere a desfolclorização da África, de seus povos e suas culturas, passando pelo reconhecimento da história da África em uma perspectiva afro-positiva.

O que as crianças falam?

A construção dos saberes construídos pela criança pode ser entendida pelos “seus próprios saberes, suas memórias e lembranças, suas práticas e possibilidades de criar e recriar a realidade social na qual se encontram inseridas” (QUINTEIRO, 2002, p. 141). Com base nos pensamentos Quinteiro, decorre a importância e a necessidade de se compreender os saberes relacionados à criança que está a cerca de nós, e entendermos o que a ela tem para nós dizer.

Ao realizarmos a pesquisa no Terreiro de Umbanda, *locus* dessa pesquisa e se concordarmos com Ramos (1940) podemos perceber que essa religião foi fundada no Brasil no final do século XIX, sobretudo nas práticas bantos no que diz respeito às suas origens. Para esse autor, ela se formou

(...) pela ação desses líderes ou se confundia com sua prática. Cargos e elementos do Cabula também se preservaram na umbanda, como de cambone, auxiliar do chefe do culto, ou da enba (ou penba), pó sagrado usado para limpar o ambiente dos rituais. Também na macumba, o termo umbanda designava o chefe dos cultos e uma de suas linhas mais fortes. (RAMOS, 1940, p. 121)

Segundo o mesmo autor, essa religião possui características da religião Católica devido ao seu sincretismo religioso: teria sido por meio de diversos cultos a “santos católicos” que, durante o processo escravagista no Brasil a população negra encontrou meios para manter a sua crença e seus cultos aos Orixás.

A população negra ainda restrita à senzala teria utilizado esse artifício para associar cada Orixá a um “santo” da religião católica. Dessa forma, quando os senhores escravagistas e sacerdotes católicos incumbiam alguns negros (as) a frequentarem a igreja tais africanos, reduzidos à condição de escravizados, eles na verdade faziam sua devoção voltada para o seu Orixá, fato que era desconhecido, tanto pelos senhores de engenho, quanto pelos sacerdotes católicos.

Ao observar as comunidades Terreiros Jeje-Nagô o pesquisador Oliveira (2008, p. 60) nos informa que as “imagens de santos católicos aparecem em partes externas do templo, contudo o assentamento da energia estava mesmo nas pedras sagradas que se encontram veladas sob panos e plantas dos altares, escondidas da curiosidade e do preconceito”.

Podemos acrescentar que na Umbanda, assim como em algumas religiões no interior do Estado Brasileiro, além de se cultuar “santos” católicos, há uma forte presença da cultura indígena, como o Caboclo Lua Nova, Cabocla Jurema entre outras entidades. “A tradição ameríndia é evocada pelos umbandistas como um elo de ligação direta com os povos do Brasil nativo e sua espiritualidade” (OLIVEIRA, 2008, p. 39).

Aqui reside uma das diferenças dessa religião com o Candomblé, religião que cultua apenas os Orixás. Mas, como a realidade é sempre complexa, alguns Terreiros de Umbanda reproduzem alguns dos rituais existentes no Candomblé.

A Umbanda aparece ainda interligada a várias religiosidades integradas no Brasil.

O Terreiro de Umbanda Omolukô, onde este estudo se desenvolve, possui seus fundamentos com base na Umbanda. Entretanto, ele se singulariza em relação aos seus congêneres devido aos seus rituais, como por exemplos a matança realizada para os Orixás onde apenas é utilizado o sangue do animal sacrificado, com as suas demais partes sendo aproveitados para a alimentação, e também pelas vestimentas que simbolizam, ou caracterizam cada Orixá. A sacerdotisa Mãe de Santo dessa comunidade Terreiro, possui suas raízes fundamentadas há mais de quarenta anos nessa religião de matriz africana.

A entrevista foi concedida pela Mãe Pequena da casa, filha da Mãe de Santo do Terreiro, que nos revelou que a decisão da abertura do Terreiro veio bem mais tarde quando ela entrou no Terreiro. Entretanto, ela nos relata que desde pequena é praticante da religião, que essa “espiritualidade” vem acompanhado na família dela por gerações desde a sua avó que havia práticas envolvidas no Terreiro como rezas Essa sua avó era rodante e também recebia entidades. A sua Mãe que foi criada assistindo, participando, aprendendo essas práticas milenares e depois ela, atual Mãe Pequena. É ela quem nos relata a relevância de zelar pela sua casa e por seus filhos de Santo.

A Mãe pequena do Terreiro, retrata-nos o cotidiano das crianças nos terreiros. Aqui elas circulam livremente em todo o espaço, brincam, correm, dançam, cantam, tocam instrumento. Elas ficam à vontade naquele espaço e algumas delas solicitam à sua mãe para serem rezadas pelos chamados Pretos Velhos. Não há aqui nenhuma obrigatoriedade: elas estão aqui aprendendo e participando de forma voluntária. Ela nos informa ser muito comum a presença das crianças e que elas quando muito pequenas, vem acompanhados dos seus pais.

Com base na fala da Mãe Pequena, entendemos que a Umbanda é o espaço de aprendizagem que permite à criança participar e conhecer a multiculturalidade e a diversidade étnico-racial da sociedade mais ampla, por meio das narrativas que são realizadas no Terreiro.

Nessa nossa observação e realização de entrevistas quando realizadas com crianças, nos utilizamos de pseudônimos, para resguardar suas identidades. À primeira criança entrevistada foi dado o pseudônimo de S. Ela possui 11 anos e frequenta o terreiro desde seus cinco anos de idade, sempre acompanhada da sua mãe.

Ao relatar como foi a primeira vez que ela foi à essa comunidade Terreiro, confidenciou-nos que ela dançou quando “tocou para Oxum”. Entretanto ela ainda não havia confirmado que esse era seu Orixá. Depois de alguns anos é que veio a confirmação de que ela é filha de Oxum.

A menina relatou que no Terreiro aprende sobre a religião de matriz africana, que já possui conhecimento sobre a história de alguns Orixás, aprende a respeitar os Orixás e as divindades, que ela também tem palestras de como

cuidar da sua entidade, como cuidar do seu anjo da guarda, e ensaios com outros integrantes para aprenderem a cantar as cantigas /pontos para os Orixás e/ou divindades.

Ela disse que durante esses anos que frequenta o Terreiro com a sua mãe, entre algumas seções e outras ela brincava, corria, dançava. Nesse momento, ela nos revela que ela gosta mesmo de colocar roupar e dançar, principalmente os pontos de Oxum.

Para a menina, a Umbanda representa uma família com vários parentes como a mesma definiu uma irmandade. Desta forma a entrevistada informa que assume a sua religião na escola, afirmando que os seus colegas de classe respeitam e aceitam a sua identidade religiosa, bem como a sua religião. Mesmo diante de tantos preconceitos relacionados à diferentes religiões de matrizes africanas, a menina assume a sua religiosidade, sendo capaz de realizar mudanças onde está inserida. Podemos perceber que essa pequena umbandista passa a ser compreendida com seu Terreiro como ator social, uma vez que ela dele participa, constituindo a formação por meio da sua relação social com diferentes atores envolvidos.

Mediante o estabelecimento dessas relações sociais e interacionais que ocorrem no Terreiro, ao conversar com F, outro entrevistado, com apenas 09 anos de idade, sobre esse *lôcus* identitário e formador de subjetividades diferenciadas que é a comunidade Terreiro. Aqui entendemos que,

Os processos de subjetivação individual estão sempre articulados com os sistemas de relações sociais; portanto, têm um momento de expressão no nível individual, e um outro no nível social, ambos gerando consequências diferentes, que se integram em dois sistemas da própria tensão recíproca em que coexistem, que são a subjetividade social e a individual. A subjetividade social não é uma abstração, é o resultado de processos de significação e sentido que caracterizam todos os cenários de constituição da vida social, e que delimitam e sustentam os espaços sociais em que vivem os indivíduos, por meio da própria perpetuação dos significados e sentidos que os caracterizam dentro do sistema de relações em que eles atuam e se desenvolvem. A atuação dos sujeitos concretos é de forma simultânea individual e social (REY, 2003, p.205-6).

É ainda F que nos informa que gosta muito de participar com a mãe dele das atividades que aí ocorrem, principalmente das atividades festivas e nos confidenciou que, nesses momentos, esse Terreiro de Umbanda fica cheio de crianças e que é um momento muito divertido.

Ele pontualmente afirma que gosta muito de dançar, e cantar desde quando era pequeno e que participa dos ensaios para poder aprender a cantar os pontos durante a seção. Essas palavras do menino F. permitem a inferência de que o aprendizado e a manutenção da cultura africana encontram nesses infantes o principal mecanismo de sua continuidade e que a presença dessas gerações no Terreiro é importantíssima para dar continuidade a todos esses ensinamentos. Entendemos que nesse contexto, as crianças produzem saberes de maneiras e significados diferentes dos adultos e que elas produzem a

realidade do Terreiro e constrói sua representação e a simbolização do mundo. “Elas são sujeitas que contribuem para a reprodução, mas também para a produção da cultura e da sociedade que estão inseridas.”, como nos afirma Lopes e Borba (2013, p. 31).

O terreiro e suas práticas educativas

É fundamental a manutenção de preceitos, práticas religiosas e do próprio sincretismo para a religião Umbanda. A preservação de valores culturais e religiosos das religiões de matrizes africanas mantiveram o conceito de africanidade. Na perspectiva de Nobles (2009, p.281) foi essa preservação de princípios e valores que mantiveram nos negros que foram escravizados “uma conceitualização africana do que significa ser uma pessoa humana”. O processo escravagista ocorrido no Brasil durante quase trezentos anos possibilitou a formação de subjetividades hostis à população negra, a qual era percebida apenas como objeto de produção, de reprodução, de compra e de venda. Seriam meros animais semoventes, seres sem almas e portanto, sem humanidade. O processo de espoliação da humanidade dos negros africanos reduzidos à condição de escravizados, bem como de seus descendentes foi tão intenso, que chegou a ser percebido por como um mecanismo que

(...) despojou o negro de quase toda sua herança cultural e socializou-o tão somente para papéis confinados, nos quais se realizou o desenvolvimento da personalidade do escravo e do liberto. Como consequência, a abolição projetou-o na esfera dos “homens livres” sem que ele dispusesse de recursos psico-sociais e institucionais para ajustar-se à nova posição na sociedade. Não conhecia nem podia por em prática nenhuma das formas sociais da vida organizada, de que desfrutavam os brancos normalmente (inclusive a família e os tipos de cooperação ou de solidariedade que ela condiciona socialmente). Para usufruir os direitos do Homem Livre precisava despojar-se de sua segunda natureza, constituída enquanto e como escravo ou liberto, e absorver as técnicas sociais que faziam parte do “mundo dos brancos” (FERNANDES, 1972, p. 89).

Entretanto, vozes caminhando em sentido contrário a esse fatalismo psicossocial, Clóvis Moura (1983), em belíssimo trabalho nos mostra como “o negro brasileiro foi sempre um grande organizador”, tanto durante o período escravista como para além dele. Organizavam-se em quilombos, em confrarias religiosas, em irmandades, em organizações religiosas como o candomblé e a umbanda e em associações culturais. As práticas religiosas sempre colaboraram para que conseguissem lutar pela liberdade que lhes foi retirada. Seja, pelos toques, as cantigas, as danças, as festas mesmo dentro da senzala, a presença da religiosidade do povo africano manteve-se viva e passou de gerações a gerações.

A partir dessa perspectiva o Terreiro torna-se o espaço de múltiplos saberes, com o culto aos Orixás, Caboclos, Pretos Velhos, Erês, entre outros, proporcionando ao sujeito nele envolvido o aprendizado de práticas ancestrais

africanas, muitas das vezes aqui recriadas e sendo, como evidencia Hernandez (2008, p. 137) “capaz de reuni-las numa comunidade ligada por uma união de sentimentos de destino fundada na consciência comum de condição de africanos oprimidos em uma oposição aos seus opressores, dirigentes coloniais e brancos”

Por outro lado, a religião de matriz africana mesmo com todos os estigmas que lhe foram atribuídos, ainda sim foi a religião que foi para além do culto aos Orixás, proporcionando ao seu participante o aprendizado de valores, costumes, culinárias, segredos milenares que são guardados, e principalmente a noção e importância da família, para além de sua configuração consanguínea, ou seja, em seu sentido *stricto* e *lato*, como evidenciado por Moura (1980). Essa transmissão de saberes constituído dentro das religiões de matrizes africanas, como a Umbanda e o Candomblé possibilita à criança o aprendizado de rituais mesmo durante a infância, “da mesma forma que no brincar, a criança ao desenhar também se utiliza da memória, recorre ao que já internalizou.” (QUINTEIRO, 2002, p. 145).

Durante sua infância no terreiro a criança inicia o processo de conhecimento sobre a histórias dos Orixás, suas origens e suas crenças, conhece as cantigas (pontos) para cada divindade, Caboclos, Pretos Velhos e Pretas Velhas, Erês, entre outros/as. Os conceitos básicos de éticas, morais que são transmitidos por meio de contos que são narrados nos terreiros, estão relacionadas às divindades. Ela também aprende a manusear alimentos, grãos, óleos, tipos de vegetais, legumes, tipos de carnes e animais, tudo o que remete à cultura africana, como ensinamentos, costumes e hábitos alimentares mantidos, cultivados e preservados pela comunidade de Terreiro. A criança aprende, ainda a reconhecer as ervas medicinais, seu colhimento, a realizar fusões e infusões com plantas, bem como utilizar recursos minerais como pedra e carvão.

Nesse contexto, a produção e aceção de saberes no Terreiro se dá por meio de saberes que podem ser compreendidos como transdisciplinares, por meio de vivências sócio- educativas, aprendendo, olhando e praticando. Dessa forma a criança inicia o seu processo de preparação para ocupar cargos de hierarquia dentro da religião (OLIVEIRA, 2018).

Esses ensinamentos que são proporcionados no terreiro contribuem para a construção de uma infância de origem afro-diaspórica, como salienta Santos (2006, p. 35), para quem a identidade da criança negra acontece “a partir de múltiplos elementos. Ela é multifacetada, complexa, no sentido de que possui elementos diversos oriundos de grupos étnicos africanos e racionalidades distintas que se articulam e formam um todo.” É importante salientar que esses saberes constituídos nos Terreiros de Umbanda e também de Candomblé contribuem com a reeducação da relação entre negros e brancos, colabora com a construção das relações inter-raciais, sociais e também econômicas devido, ao senso de irmandade que envolve os Terreiros.

Os Terreiros, como espaço religioso, por meio de palestras sobre a religião e a história da cultura africana realizam o trabalho pedagógico no qual

estimulam o sujeito envolvido a conhecer mais sobre as suas origens e cultura africana. Ao examinar a legislação educacional vigente, percebe-se que essa reeducação proporcionada pelo Terreiro mesmo de maneira informal vai ao encontro dos propósitos da Lei 10.639/2003 e de suas Diretrizes. Embora os Terreiros não sejam uma escola em seu sentido *stricto*, mas sim templos de múltiplos saberes, eles também favorecem e multiplicam conhecimentos aos seus integrantes e visitantes, colaborando, pois, na formação da cidadania.

Portanto, o Terreiro assume o papel de suma importância na educação, reeducação e valorização da cultura africana, no resgate da memória coletiva e na história da cultura negra, no cerne de uma formação para a cidadania. Nesse aspecto, a formação da cidadania engloba a o ensino da história e os valores africanos para todos na sociedade, tendo como base uma educação que contemple a diversidade étnico-racial proporcionando a pessoas brancas e negras uma educação que supere o racismo, o preconceito e a intolerância religiosa, contribuindo para a construção de uma identidade étnico-racial em perspectiva democratizante.

Para além das considerações finais

A partir da compreensão de que a criança é o sujeito que age e interage no espaço do Terreiro e que ela participa de todo o processo de rotina e práticas, rituais, festividades, que ali ocorrem, podem-se compreender que as crianças aprendem naquele espaço religioso. É por meio do brincar e do exercício de diferentes atividades que ela constrói experiências e aprendizagem, tantas das práticas religiosas, como através dos contos e histórias que são narradas pela Mãe de Santo, sobre os Orixás.

Por meio dessa palavra falada a subjetividade dessa criança se desenvolve, com seu imaginário sendo associado ao sagrado, à instituição de valores ancestrais, de irmandade, de confraternização, de amizade, de respeito aos seus Orixás e às divindades, entendendo e reconhecendo princípios como morte, vida e suas relações com processos de construção do mundo do ciclo da vida, bem como construindo uma identidade afro-diaspórica. É nesse período da infância que a criança negra, branca, de qualquer origem étnica, ao contato com os princípios africanos inicia, segundo Santos (2006) o processo de desconstrução dos valores ocidentais hegemônicos a partir de uma cultura voltada para a democratização de valores ancestrais afrocentrados.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTI, Alda. Judith. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**. v. 36, n. 129, set./dez. 2006.

- ANDRÉ, M.E.D. Afonso de. **A Etnografia da Prática Escolar**. Campinas, Papirus, 1995.
- BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BRASIL. **Lei 10.639, de 09.01.03: altera a Lei 9394/96** para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática: “História e Cultura Afro-Brasileira, 1996.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História**. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília – MEC/SEF, 1998.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo, Saraiva, 2006
- FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos**., Difusão Europeia do Livro, São Paulo, 1972
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 3ª ed., 1987.
- HERNANDEZ, Leila Leite. **A África na sala de aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- LOPES, NEI, Kibatu, **O livro do Saber e do espírito negro-africanos**, Rio de Janeiro, Editora Senac, 2005.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**, São Paulo: EPU, 1986.
- MOURA, Clóvis. "Organizações negras. São Paulo: **O povo em movimento**. Petrópolis, Vozes, CEBRAP, São Paulo, 1980.
- _____. **Brasil: as raízes do protesto negro**. Editora Global, São Paulo, 1983.
- NOBLES, Wade W. Sakhu Sheti – retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. Em: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade. Uma abordagem epistemológica inovadora**. Coleção Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira, n. 4. São Paulo: Selo Negro, 2009.
- OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Das Macumbas à Umbanda: uma análise histórica da construção de uma religião brasileira**. Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2008.
- OLIVEIRA Wudson Guilherme de. “Os povos bantos e a luta antirracista na quizomba: tagarelando e matutando a história, cultura e resistência das línguas africanas no Brasil”. IN: **Repecult - Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura** (ISSN 2526-2742) Vol 06, (2) 2018. Seropédica, EDUR.
- PACE, Angela Ferreira. Afro-brasileiros e racismo institucional: o papel dos concursos na democratização de acesso aos cargos públicos**. Seropédica: EDUR, 2017.
- PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.

PRANDI, Reginaldo. **“Converter indivíduos, mudar culturas”**. *Tempo Social*, 2008, Vol. 2 (20), pp 155-172.

QUINTEIRO, Jucirema. **Sobre a emergência de uma sociologia da Infância: contribuições para o debate**. *Perspectiva*, Florianópolis: v. 20, n.Especial, p. 137-162, jul./dez 2002.

RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2001

REGO, Teresa Cristina (Org.). **Cultura e Sociologia da Infância: a criança em foco**. Publicação Especial da Revista Educação. Editora Segmento. 1. ed. São Paulo: Editora Segmento, 2013. v. 1.

REY, F. G. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo Thomson, 2003

SANTOS, Ana Katia Alves dos. **Infância e afrodescendente: epistemologia crítica do ensino fundamental**. Salvador: EDUFBA, 2006.

SERRA, Marcos e ROSA, Rodrigo Carneiro. “Meio ambiente, juventude e comunidades de matriz africana”. IN: **Repecult - Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura** (ISSN 2526-2742), Vol. 3, (2) 2017. Seropédica, Edur.

SISS, Ahyas, Afro-brasileiros e qualidade da educação: transformações e possibilidades. **Revista Boletim Interfaces da Psicologia da UFRural**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 16-25, 2009

TURA, Maria de Lourdes Rangel. **A observação do cotidiano escolar**, in: ZAGO, N.; CARVALHO, M.; VILELA, R.A. (org). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**, Rio de Janeiro, DP&A, 2003, p. 183-206.